

## Editorial Revista Aleph n. 34

### Universidade e sociedade em diálogo

Caras e caros leitores,

Esperamos que estejam bem e com saúde.


Neste momento caótico de isolamento social e crise político-institucional, partilhamos angústias e incertezas, com o desafio iminente da luta pela vida e pela democracia buscando mantermos viva a esperança de que tudo isso passe o mais rápido possível. "O que será o amanhã? Como vai ser o meu destino?", inspirados pelo samba-enredo, da G.R.E.S. União da Ilha do Governador, de 1978, cujo questionamento é dono de uma atualidade planetária, seguimos sem respostas.

Esta edição, cujo dossiê temático se intitula "Universidade e Sociedade em diálogo", teve sua chamada aberta em dezembro de 2019. A partir de então, seguíamos o calendário quando fomos confrontadas com a pandemia do coronavírus que, de modo inesperado, impôs-se como elemento irreversível e determinante nos modos de se relacionar, trabalhar, conviver e produzir.

Diante do cenário com o qual temos convivido, há pouco mais de quatro meses, em que o isolamento se colocou como condição de vida, as circunstâncias sociais e políticas nos levam a perguntar: qual tem sido, e qual será daqui para frente, o papel da universidade na sociedade? Que ações tomadas no presente poderão se qualificar como apostas de futuro, quando estão em disputa narrativas sobre a vida e a morte? Pensar o futuro deve envolver movimentos coletivos de ressignificação de valores que tenham como foco principal a humanidade.

Nesse sentido, como pesquisadoras e docentes das Ciências Humanas, somos provocadas a tecer considerações inspiradas no pensamento de autores como Bruno Latour, que nos convida a *imaginar gestos*. Limites há poucos meses insondáveis pela população global, imersa e devorada pela lógica do capital, com uma ameaça global e mortífera ao planeta, se viu obrigada, não sem tensões ou movimentos contrários, a puxar o "freio de mão" em nome da própria sobrevivência.

1. LATOUR, Bruno. *Imaginar gestos que barrem o retorno da produção pré-crise*. Publicado no site n-1 Edições. Disponível em: <https://n-1edicoes.org/008-1>



Se foi possível desacelerar, Latour propõe esticar um pouco mais o exercício imaginativo e ponderar sobre novos gestos que visem confrontar, de modo irrevogável, aqueles existentes e conformados no pré-pandemia para um pós-pandemia. Faz essa proposta-provocação elencando uma série de perguntas, às quais podemos acrescentar: qual será o papel da ciência, de sua produção e socialização com diferentes camadas da sociedade nos próximos tempos? O que temos conseguido comunicar, afetar com o acúmulo que temos decorrente do fazer científico?

Em meio ao necessário distanciamento social, encontramos força e apoio na rede política que constitui e estrutura a Revista Aleph e, assim, juntos - editoras, bolsistas, pareceristas e pesquisadoras/es - nos somamos na organização e lançamento da Edição nº. 34. Deparamo-nos com desafios constantes gerados pelos limites e possibilidades derivados de políticas públicas recentes de ataques aos profissionais das ciências e cortes nos orçamentos da pesquisa que geraram diminuição de infraestrutura e de pessoal nos diversos espaços das instituições educacionais.

Apesar das diversidades, provocamos a reflexão dos leitores, já na abertura da revista, com dois artigos de autores convidados que nos brindam com abordagens singulares. Em **O CLUBE DOS POETAS MORTOS OU OH CAPTAIN, MY CAPTAIN!...** Isabel Lousada e Wanda Souza tomam como ponto de partida a análise do filme *Sociedade dos Poetas Mortos* para prescrutar o atual momento do desenvolvimento das tecnologias da informação e da comunicação e seus ecos nas relações ontológica e fenomenológica produzindo transformações sociais e culturais. Luiz Botelho de Andrade nos brinda com um ensaio sobre a produção fílmica “Quem foi que disse: sobre a vida e o viver”, primeiro de uma série realizada sob sua direção. A categoria de análise “cinema aula” é apresentada para analisar ontológica, epistemológica e pedagogicamente o processo de produção coletiva no fazer cinema.

Partindo da chamada para o nosso Dossiê Temático reunimos em diferentes seções vinte e oito produções provenientes de projetos de pesquisa, ensino e extensão que expressam as dimensões instituintes que se entrelaçam em uma busca de reafirmar o estreitamento do diálogo entre Universidade e Sociedade, por meio de narrativas de fazeres docente e discente em diálogo com as práticas formativas e com a arte.

Nessa articulação ressaltam-se categorias como: ciência, produção de conhecimento, juventude, relações intersubjetivas, inter-relações sociais, racismo, desigualdade, pessoas com deficiência, protagonismo e escola; problematizando regras, formações, resistências e impulsionando o debate sobre a necessária insurgência da Universidade para se configurar como espaço-tempo de diálogo democrático com uma

sociedade que necessita revisitar suas entranhas para redesenhar afetos e razões, reinventando fazeres amparados por diferentes movimentos de resistência e segurando entre os dentes a primavera (Secos e Molhados, 1971). Movimentos esses que foram capitaneados, por décadas, pelos grandes educadores que foram João Batista Alvarenga e Jêsus Alvarenga, aos quais dedicamos duas homenagens especiais escritas por duas ilustres acadêmicas e idealizadoras desse nosso periódico.

Boa leitura.

Dagmar de Melo e Silva, Erika Leme,  
Nazareth Salutto, Rejany dos S. Dominick  
e Walcêa Barreto Alves.



2. *Primavera nos dentes* (Secos e Molhados). São Paulo, 1971. Álbum editado pela Polygran.



APOIOS



Programa de Pós-Graduação em Educação 1971-2018  
Mestrado e Doutorado

